

## O PSICÓLOGO NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA

*Lina Márcia Abadia Lima<sup>1</sup>*  
*Renata Cristina Martins Rosa<sup>2</sup>*

**RESUMO: Introdução:** O processo de construção da identidade de gênero é crucial para o desenvolvimento do indivíduo. Porém, o termo “identidade” é muitas vezes mal compreendido, levando a conceitos errôneos sobre o gênero e o seu significado. **Objetivo:** sendo assim presente artigo teve por objetivo geral investigar como o psicólogo pode contribuir na construção da identidade de gênero, buscando compreender todo o processo que se dá fase da adolescência. **Metodologia:** o método utilizado para este estudo foi a abordagem qualitativa típica da pesquisa bibliográfica, a qual foi consultado bases de dados Google Acadêmico com recorte temporal específico de cinco ano (2019-2023), porém, tornou-se pertinente a inclusão de alguns artigos científicos fora deste recorte temporal. **Resultado:** a literatura mostra que deve ser evidenciado o papel do psicólogo durante o processo de descoberta, a tomada de consciência do que se trata a identidade de gênero e como isto pode impactar suas decisões, além de auxiliar no enfrentamento da discriminação social apontando o valor da psicoterapia, bem como amparar o indivíduo em questões de aceitação, autodescoberta e autoestima. **Conclusão:** A adolescência é um período complexo de autodescoberta para os adolescentes, no qual eles exploram e definem sua própria identidade de gênero e conseqüentemente a disforia de gênero é uma realidade para muitos adolescentes que não se identificam com seu gênero de nascimento. Deste modo, o psicólogo desempenha um papel crucial no fornecimento de apoio emocional, orientação e um espaço seguro para que os adolescentes explorem sua identidade de gênero.

**Palavras-chave:** Adolescência. Identidade de gênero. Psicologia.

### 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Papalia e Feldman (2013), a adolescência é a transição no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta que impõe grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. A adolescência oferece oportunidades para o crescimento não só em

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia - Fundação Carmelitana Mário Palmério; linalima@unifucamp.edu.br

<sup>2</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (2021) - Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM). Especialista em Inspeção, Supervisão e Orientação Escolar (2007); graduada em Psicologia (2021) e em Letras (2003) - Fundação Carmelitana Mário Palmério (UNIFUCAMP); renata.rosa@unifucamp.edu.br

termos de dimensões físicas, mas também em competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade. Os jovens que têm relações de apoio com os pais, a escola e a comunidade tendem a desenvolver-se de forma positiva e saudável (Youngblade *et al.*, 2007).

Nesse marco da adolescência temos que ressaltar a importância também da construção da identidade de gênero, em que alguns indivíduos venham a se reconhecer com outro gênero ao qual não foi o de nascimento, ou se reconhecer com o gênero de nascimento.

No processo da construção da identidade de gênero, ainda é bastante visível a desinformação do termo identidade, criando assim inúmeras convicções sobre o tema e deixado de lado seu real significado, tal desconstrução de informação a qual viabiliza que a identidade de gênero vai além do que é proposto, surge de um contexto social que o ser nasce feminino ou masculino, contudo, o gênero não está relacionado apenas à anatomia dos órgãos genitais, é uma percepção que a pessoa tem sobre si e como se reconhece em relação ao seu corpo e modo de agir (Pimenta, 2020).

Ver-se como um ser sexual, reconhecer a própria orientação sexual, chegar a um acordo com as primeiras manifestações da sexualidade e formar uniões afetivas ou sexuais, tudo isto faz parte da aquisição da identidade sexual. A consciência da sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade que afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos. Embora este processo seja impulsionado biologicamente, sua expressão é, em parte, definida culturalmente. (Papalia; Feldman, 2013, p.427)

Diante do exposto, decide-se desenvolver este artigo com o objetivo geral de compreender como o psicólogo pode contribuir no processo de construção de identidade de gênero na adolescência. Quanto aos objetivos específicos, busca-se compreender o conceito de adolescência, a formação de identidade e de identidade de gênero, entender como a sociedade influencia nas questões de gênero, ressaltar a identidade de gênero na adolescência evidenciando o transtorno de disforia de gênero e averiguar a atuação do psicólogo na construção da identidade de gênero em adolescentes.

A questão problema que norteia esse estudo é: como ocorre o processo de formação de identidade de gênero em adolescentes e como a psicologia pode contribuir nesse cenário? Como hipótese para essa questão, propõe-se que a psicologia está envolvida no processo da construção

da identidade de gênero, pois trata-se de uma área que estuda o comportamento e a subjetividade humana.

Portanto, essa pesquisa justifica-se pela importância do estudo sobre a construção da identidade de gênero, pois se trata de um assunto que necessita de mais conhecimento e visibilidade, mesmo que ainda seja muito discutido atualmente. Como justificativa pessoal, a relevância dessa pesquisa repousa em sua possibilidade de contribuir para o entendimento da prática do psicólogo na construção da identidade de gênero em adolescentes. Quanto à justificativa social a população pode vir a compreender e desmitificar a importância do processo da construção da identidade de gênero em adolescentes e, com isso, diminuir os estigmas relacionados a esse assunto. E para a justificativa científica esse estudo agrega conhecimentos aos profissionais que estão inseridos neste contexto, profissionais que interessam por esse tema, possibilitando pesquisas com um aprofundamento maior nessa área.

Esse artigo apresenta fundamentação teórica, na qual estão dispostos subtópicos como: a formação da identidade de gênero e adolescência; a influência da sociedade em questões de gênero; o transtorno de disforia de gênero e, por fim, como o psicólogo atua na construção do processo da identidade de gênero em adolescentes. A metodologia utilizada foi a partir de pesquisa documental e bibliográfica. Questões mais profundas sobre esses assuntos estão abordadas nos resultados e discussões e, logo após, as considerações finais.

## **2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Formação da identidade de gênero e a adolescência**

Erickson em 1976, que com seus estudos sobre o desenvolvimento psicossocial que intitulou a adolescência, em que ele considerava uma fase especial, que até então só eram existentes a infância, a fase adulta e a velhice, entre a fase de criança e a de adultos, percebia-se uma lacuna, já que não tinha o processo de maturação e era preciso nomear essa fase considerando que a criança, não se tornaria adulto sem passar por o processo de descobrimento da sua identidade (Bock, 2007).

Os primeiros estudos sobre o desenvolvimento de identidade deram-se no início da década de 60, e o autor pioneiro que realizou as primeiras investigações foi o psicólogo Erikson (1950), em seus estudos, ele ressalta sobre a importância de que a identidade dura a vida toda, chamando assim de ciclo vital, em cada etapa se o indivíduo tem suas características próprias e subjetivas, que é transformada pela vivência de cada pessoa, e o meio a qual está inserido.

Os adolescentes que estão em um processo de busca pelo seu espaço, carecem de mais cuidado e atenção, pois é o momento no qual se deixa a fase de criança e começa a buscar um espaço para se descobrir, trata-se do período que ocorre diversas mudanças, seu corpo modifica, sua voz, seus sentimentos e relações, ocorre também uma série de conflitos internos e tudo isto acontece em pouco tempo simultaneamente, para se iniciar a vida adulta, o momento dessa passagem interfere em seu físico e no psicológico, pois é uma passagem importante para o desenvolvimento do indivíduo (Alves, L. 2020).

A busca pela identidade – que Erikson define como um autoconceito coerente que inclui objetivos, valores e crenças inabaláveis – entra em foco durante a adolescência. O desenvolvimento cognitivo dos adolescentes permite-lhes construir uma "teoria do eu" (Elkind, 1998). Como enfatizou Erikson (1950), os esforços dos adolescentes para compreenderem a si mesmos não são “uma fraqueza madura”. Faz parte de um processo saudável e importante que se baseia nas conquistas das fases anteriores – confiança, autonomia, iniciativa e produtividade – e prepara o terreno para lidar com os desafios da idade adulta. No entanto, as crises de identidade raramente são totalmente resolvidas durante a adolescência. Perguntas sobre identidade são recorrentes ao longo da vida adulta.

De acordo com Gilligan (1982/1983), a identidade das mulheres se desenvolve não por meio da obtenção de identidade pessoal, mas mediante do estabelecimento de relacionamentos. Gilligan (1982/1983) disse que as meninas e as mulheres se julgam pela forma como desempenham bem os seus deveres e pelo quanto se preocupam com os outros e consigo mesmas. Alguns cientistas do desenvolvimento questionam quão diferentes são realmente os caminhos de homens e mulheres para a identidade – especialmente hoje - e sugerem que as diferenças individuais podem ser mais importantes do que as diferenças de sexo (Archer, 1993; Marcia, 1993). Na verdade, Marcia (1993) argumentou que a tensão permanente entre independência e apego é central para todos os estágios psicossociais eriksonianos, sejam eles

masculinos ou femininos. Segundo Kroger (2003) no estudo sobre o estatuto realizado por Marcia, surgiram poucas diferenças de gênero

Contudo, o desenvolvimento da autoestima na adolescência parece apoiar a abordagem de Gilligan (1982/1983). A autoestima dos homens está frequentemente associada à luta pela realização pessoal, enquanto a autoestima das mulheres depende mais das ligações com os outros (Thorne; Michaelieu, 1996). Algumas evidências sugerem que, em média, as raparigas adolescentes têm uma autoestima mais baixa do que os rapazes, embora esta conclusão seja controversa. Vários grandes estudos recentes demonstraram que a autoestima das raparigas diminui mais rapidamente do que a dos rapazes durante a adolescência e depois aumenta gradualmente na idade adulta. Estas mudanças podem ser devidas, em parte, à imagem corporal e a outras ansiedades associadas à adolescência e à transição para o final do ensino fundamental ou médio (Robins; Trzesniewski, 2005).

Até o ano de 1950, o gênero era visto apenas como outras formas, tais como: gênero textual, gênero biológico, gênero linguístico, entre outros. John Money (1921-2006) que era um psicólogo e sexólogo foi o primeiro a relacionar o gênero, em relação ao sexo biológico, e o que ele considerava sexo psicológico. (Latazzio, 2018; Ribeiro, 2018).

É primordial ressaltar sobre o processo da construção de identidade de gênero e a sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, pois a identidade de gênero ligada aos interesses, atitudes e comportamentos, irá acompanhar ao longo de toda a vida. No entanto, o maior problema quando se trata desse assunto está relacionado à identificação, é preciso que a pessoa perceba sobre a diferença sexual, se identificando posteriormente com homem ou mulher (Costa, F.; Antoniazzi, A., 1999).

Embora presente em crianças pequenas, durante a adolescência a orientação sexual de uma pessoa muitas vezes torna-se uma questão premente: se a pessoa continuará a sentir atração pelo sexo oposto (heterossexual), pelo mesmo sexo (homossexual) ou por ambos os sexos (bissexual). A prevalência da orientação homossexual varia amplamente (Savin-Williams, 2006).

Muitos jovens têm uma ou mais experiências homossexuais, mas experiências isoladas ou mesmo atrações ou fantasias ocasionais não determinam a orientação sexual. Em uma pesquisa nacional, 4,5% dos meninos e 10,6% das meninas de 15 a 19 anos relataram contato

sexual entre pessoas do mesmo sexo nesta faixa etária, mas apenas 2,4% dos meninos e 7,7% das meninas relataram tal comportamento no ano anterior (Mosher; Chandra; Jones, 2005). O estigma que vem da sociedade pode influenciar estes autorrelatos, subestimando a prevalência da homossexualidade ou bissexualidade.

Muitas pesquisas sobre orientação sexual têm se concentrado nos esforços para explicar a homossexualidade. Embora tenha sido considerada uma doença mental, décadas de pesquisa não mostraram nenhuma correlação entre a orientação homossexual e problemas emocionais ou sexuais - exceto problemas claramente causados pelo tratamento dado pela sociedade aos homossexuais, como tendências depressivas (Patterson, 1992). Estas descobertas levaram a comunidade psiquiátrica a parar de classificar a homossexualidade como um transtorno mental em 1973.

## **2.2 A influência da sociedade em meio a questões sobre gênero**

Desde antes do nascimento, na ultrassonografia, já somos colocados como menina ou menino, pela sociedade, espera-se um papel para aquele determinado gênero imposto, de acordo com a cultura a qual pertence, isso mostra que o gênero está ligado ao meio social, que define como se comporta um indivíduo, feminino ou masculino, mas para a ciência biológica o sexo é a função reprodutiva da pessoa, não definindo a maneira do indivíduo agir (Jesus, 2012).

Analisando o desenvolvimento humano por meio de dados históricos, como as construções sociais são determinadas por características biológicas, notam-se desigualdades nas relações entre os sujeitos (Louro, 2003). Em outras palavras, as características sexuais manifestam-se de formas diferentes dependendo da estrutura social. Essa construção faz parte do processo histórico.

Os sujeitos são influenciados desde cedo pelas representações de gênero que moldam os arranjos sociais, e “[...] o gênero é construído no contexto das relações sociais” (Louro, 2003, p. 22). Segundo Louro (2003), homens e mulheres se veem como homens e mulheres na sociedade e assumem identidades de gênero. Contudo, o processo de construção destas identidades não é estável, pelo contrário, apresentam grande instabilidade na sua transformação dialética, ainda:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (Louro, 2003, p.28).

Esta estrutura é efêmera, mudando com histórias pessoais como identidade de gênero, raça e assim por diante. A sociedade está mudando e as formas como as pessoas se relacionam está assumindo diferentes configurações. Vale a pena mencionar que as relações de gênero afetam vários campos, sendo assim, a análise de gênero é necessária para compreender a construção social da desigualdade de gênero.

A sigla LGBTQIA+ se desenvolveu a partir do pressuposto que as pessoas que sofrem homofobia podem ter problemas sociais, psicológicos e físicos, e problemas no seu desenvolvimento pessoal, então com o intuito de buscar incluir todos nessa bandeira, cada letra tem o seu significado trazendo assim a individualidade de cada um (Bortolletto, 2019). A seguir, no quadro 1, está o significado de cada letra da sigla LGBTQIAP+.

**Quadro 1:** A sigla LGBTQIAP+ e seus componentes

<b>L</b>	<b>Lésbicas:</b> é uma orientação sexual, que diz respeito as mulheres (cisgêneros ou transgêneros), que sente atração afetiva e sexualmente por outras mulheres também cisgêneros ou transgêneros, não necessariamente é preciso ter experiências sexuais com mulheres para se identificar como lésbicas.
<b>G</b>	<b>Gay:</b> é uma orientação sexual, que diz respeito aos homens (cisgêneros ou transgêneros), que sente atração afetiva e sexualmente por outros homens também (cisgêneros ou transgêneros), não necessariamente é preciso ter experiências sexuais com homens para se identificar como gays.
<b>B</b>	<b>Bissexual:</b> é também uma orientação sexual onde a pessoa sente atração fisicamente ou sexualmente pelo mesmo sexo ou sexo oposto sejam cisgêneros ou transgêneros.
<b>T</b>	<b>Transgêneros, Transexuais e Travestis:</b> é diferente dos outros e considera a identidade de gênero e não a sexualidade, remete a pessoa que não se identifica com o gênero de nascimento, para se referir aos transgêneros usamos mulher trans ( se identifica com o sexo feminino, mais biologicamente foi designada como masculino), homem trans ( se identifica com o sexo masculino, mais biologicamente foi designado como masculino), o travesti são mulheres trans, que usam o termo por questões políticas onde antes tinham apenas a prostituição como meio de sobrevivência e hoje usam esse termo para quebrar esse estigma.

<b>Q</b>	<b>Queer:</b> é a pessoa que não se encaixa na heterocisnormatividade, não se identifica com o padrão binário de gênero e a nenhuma orientação sexual, pois entende que os estigmas podem restringir as amplitudes e as vivências da sexualidade.
<b>I</b>	<b>Intersexo:</b> é a pessoa que biologicamente nasceu diferente do XX e do XY, comum a família ou médico tomar a decisão de terapia hormonal ou cirurgia para a adequação da genitália, e na maioria das vezes a pessoa não se identificar com o gênero, é importante essa sigla para entender que o corpo físico não define gênero e nem a sexualidade.
<b>A</b>	<b>Assexual:</b> Pessoa que não sente atração sexual por nenhum gênero, mas podem se relacionar e sentir sentimentos amorosos e afetivos por outras pessoas.
<b>P</b>	<b>Pansexual:</b> é uma orientação sexual onde a pessoa sente atração física, amor e desejo sexual por uma pessoa independentemente do gênero.
<b>+</b>	Estar presente na sigla para retratar a diversidade de identificação de gênero e orientação sexual, podendo ser modificada a qualquer momento.

Fonte: elaborado pela autora com base em o site Justiça do Trabalho – TRT da 4ª Região (RS), (2021).

### 2.3 Identidade de gênero sobre os adolescentes e transtorno de disforia de gênero

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais, da mesma forma que, também, é válido a importância da atuação do psicólogo dentro do conceito da identidade de gênero, a psicologia pode trabalhar com o indivíduo questões relacionadas como, por exemplo, a aceitação e autoconhecimento. Os adolescentes muitas vezes buscam esse atendimento para tentar entender seus sentimentos, conflitos, para que sejam acolhidos de uma maneira na qual não há julgamentos e sim acolhimento.

Atuando como mediador e agente de mudança, o psicólogo poderá construir uma rede entre os jovens e diferentes contextos e personagens sociais, o que demonstra que a inserção desse profissional pode ocorrer de maneira criativa e implicada, baseada em diferentes teorias, mas principalmente, pautada pelo compromisso ético-político com a proteção integral e a garantia de direitos. (Almeida.; Marinho.; Zappe.; 2021, p. 54).

Para a OMS - Organização Mundial da Saúde (1975) - a adolescência é o período descrito dos 10 aos 19 anos, se dividindo em duas etapas, sendo como fase inicial dos 10 aos 14 anos e a fase final dos 15 aos 19 anos, tornando-se subjetivo, pois o conceito de adolescência muda de acordo com o contexto social ao qual está inserido, é importante ressaltar que o adolescer é um momento vulnerável.

Os desenvolvimentistas modernos, especialmente aqueles que estudam a adolescência, tentam explicar como os fatores biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e culturais estão relacionados entre si durante o desenvolvimento, incluindo a transição da infância para a idade adulta. Erikson observou a integração destes fatores no seu estudo dos problemas que surgiram em jovens soldados que tinham dificuldade em adaptar-se à vida antes da Segunda Guerra Mundial, quando os seus planos de servir o seu país foram interrompidos (Adams, 1998).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V: “A identidade de gênero é uma categoria de identidade social e refere-se à identificação de um indivíduo como homem, mulher ou, ocasionalmente, alguma categoria diferente de masculino ou feminino” (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 451).

Antes do ano de 2019 na CID (Classificação Internacional de Doenças Mentais), havia o Transtorno de Identidade de Gênero, conhecido como TID, que foi retirado pela OMS em maio de 2019, em que o transexualismo era visto como uma doença mental, para alguns profissionais isto foi de grande importância, considerando que a partir desse pressuposto, começa a se ter menos discriminação já que o transexualismo deixa de ser considerado uma doença mental e, também, para as pessoas terem uma melhor assistência à saúde, sem um estigma criado (Organização Mundial da Saúde, 2019).

Nos dias atuais no DSM-V temos a disforia de gênero, que é uma profunda angústia, em que a pessoa não se identifica com o sexo de nascimento, os sintomas podem incluir ansiedade e depressão, esse sentimento é causado, pois o indivíduo se sente preso a um corpo ao qual não pertence, na disforia de gênero a pessoa, tem esse sentimento de não está ligado ao sexo biológico, sendo essa angústia duradoura, na qual a pessoa pode optar pelo tratamento buscando terapia, terapia hormonal e, caso necessário, o pode se optar pela cirurgia de confirmação de gênero que é irreversível (*American Psychiatric Association*, 2014)

De acordo com o DSM-V há o diagnóstico global de disforia de gênero proposto por padrões separados e são desenvolvidos com base nos estágios de desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos. Os campos que rodeiam a sexualidade e o gênero são altamente controversos e resultaram numa proliferação de termos cujos significados mudaram ao longo do tempo, tanto entre disciplinas como dentro delas. Distúrbios do desenvolvimento sexual

indicando uma condição na qual o trato reprodutivo se desvia do normal e/ou um desvio somático congênito do trato reprodutivo. Existem diferenças nos marcadores biológicos entre homens e mulheres. A terapia hormonal transgênero refere-se ao uso de hormônios feminizantes para indivíduos designados como homens ao nascer, ou ao uso de hormônios masculinizantes para indivíduos designados como mulheres ao nascer, com base em indicadores biológicos tradicionais (*American Psychiatric Association, 2014*)

Para o tratamento hormonal é aconselhado que somente profissionais da saúde identifique a disforia de gênero, pois há necessidade de preencher alguns requisitos, para pré-adolescentes não é aconselhável fazer essa terapia hormonal, é sugerido que esse tratamento se inicie quando o adolescente já mostrar sinal de sua puberdade, se esse adolescente apresentar o diagnóstico de disforia de gênero é importante o médico avaliar as condições físicas e sexuais, explicando os riscos que podem surgir, embora alguns mostrem sinais de que precisam desse tratamento hormonal, as pesquisas mencionam esse tratamento acima dos 16 anos, podendo se iniciar antes, mais é recomendado uma equipe multidisciplinar (endocrinologista, psiquiatra, psicólogo) (Hembree, *et al*, 2017).

#### **2.4 Atuação do psicólogo na construção da identidade de gênero sobre os adolescentes**

O campo da psicologia desempenha um papel crucial na compreensão da identidade de gênero devido à sua capacidade de auxiliar no processo de autodescoberta, tomada de decisão e autoconsciência. O psicólogo é o profissional mais indicado para auxiliar o indivíduo nessa jornada de autoconhecimento. Os profissionais de saúde que trabalham com adolescentes devem possuir a capacidade de oferecer orientação e apoio por meio de diversas formas de acompanhamento, além de ter um conhecimento profundo de suas características únicas e vulnerabilidades. Isso pode ser alcançado fornecendo atendimento individualizado de maneira respeitosa, conscienciosa e solidária (Fleury; Abdo, 2018)

Levando em consideração o atual consenso da comunidade científica nacional e internacional, além dos princípios básicos da Constituição Federal e dos compromissos mais básicos de defesa dos direitos humanos, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) adotou a Resolução CFP nº 1/1999 para a profissão de psicólogo, são estabelecidos padrões para o

desempenho do pessoal em relação a questões emocionais de orientação sexual. Tendo em conta que os psicólogos, independentemente da sua área de atuação, são constantemente questionados sobre questões relacionadas com a sexualidade e que a psicologia deve utilizar os seus conhecimentos para esclarecer as questões sexuais e, assim, superar o preconceito e a discriminação, a Resolução CFP n.º 1/1999 sublinha:

Art. 1.º – Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2.º – Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3.º – Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único – Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4.º – Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (Conselho Federal de Psicologia, 1999).

A Resolução CFP n.º 1/1999 buscou identificar a atuação profissional do psicólogo na prestação de atendimento psicológico à pessoas não heterossexuais sem patologização, (re)vitimização ou preconceito, e evitar a aplicação de teorias e modelos que entendem a orientação sexual não heterossexual como “desvio” ou “doença”. Portanto, os profissionais de psicologia não devem tomar nenhuma ação que contribua para a patologização do comportamento ou práticas homossexuais, nem devem tomar ações coercitivas destinadas a conduzir os homossexuais a tratamento não solicitado (Conselho Federal de Psicologia, 1999).

Os psicólogos devem basear a sua prática profissional no respeito pela diversidade das orientações sexuais afetivas dos indivíduos, utilizando os seus conhecimentos para refletir sobre preconceitos e combater a discriminação e os estigmas associados às orientações sexuais não afetivas. Isto porque a questão da orientação sexual afetiva, como expressão dos direitos humanos e sexuais, está completamente desligada dos conceitos de tratamento e doença.

Recomenda-se ainda que os psicólogos:

Acolham as famílias e os tutores legais que procuram serviços psicológicos que visem a mudança da orientação sexual e/ou identidade de gênero de outra pessoa e questionem criticamente as motivações para a procura de serviços, as suas expectativas e crenças das pessoas que também vivenciaram sofrimento buscam compreender de forma participativa sua formação sociocultural, valores morais, filosóficos, religiosos e culturais e o impacto nas relações de proteção e cuidado entre seus membros (Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016, não paginado).

Lacerda C. e Lacerda M. (1998) argumentam que um aspecto significativo da formação da identidade é a determinação do sexo: masculino ou feminino. Isso fica evidente pelos traços primários (genitais) e secundários (voz, cabelos, desenvolvimento dos quadris e mamas) que diferenciam os sexos, permitindo aos adolescentes construir uma representação mental de seus próprios corpos, conhecida como esquema corporal. No entanto, o ambiente em que os adolescentes operam também desempenha um papel crucial na formação desta autoimagem. Embora o sexo seja determinado biologicamente, as influências culturais podem causar confusão sobre como se comportar adequadamente de acordo com a identidade de gênero de alguém. Os adolescentes podem ter dificuldade em conciliar o seu verdadeiro eu com as expectativas da sociedade, levando a uma multiplicidade de identidades à medida que navegam neste período desafiante de autodescoberta.

Identificar-se como um ser sexual, reconhecer a própria orientação sexual, concilia se com as excitações sexuais e formar vínculos românticos ou sexuais, tudo isso faz parte da formação da identidade sexual. Essa consciência urgente da sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade, influenciado profundamente a autoimagem e os relacionamentos. Embora esse processo seja conduzido biologicamente, sua expressão é, em parte, culturalmente definida. (Papalia; Olds, 2000, p. 438).

O psicólogo desempenha um papel fundamental na construção da identidade de gênero dos adolescentes, oferecendo apoio emocional, orientação e compreensão durante um período crucial de autodescoberta. Diante do exposto acima é importante que o psicólogo forneça um ambiente seguro e não julgador para que os adolescentes possam explorar sua identidade de gênero sem medo de discriminação ou rejeição, auxiliar os adolescentes na compreensão de seus sentimentos e experiências relacionadas à identidade de gênero, ajudando-os a refletir sobre suas emoções e pensamentos, fornecer informações precisas e baseadas em evidências sobre identidade de gênero, transexualidade, não conformidade de gênero e outros conceitos relacionados, oferecer suporte emocional para lidar com o estresse, ansiedade, depressão ou

outros desafios emocionais que podem surgir durante o processo de construção da identidade de gênero.

É importante que o psicólogo trabalhe de forma sensível, respeitosa e culturalmente competente, reconhecendo a singularidade de cada adolescente em sua jornada de construção da identidade de gênero.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de estudo**

A pesquisa foi conduzida mediante exame minucioso da literatura relevante, utilizando a abordagem qualitativa típica da pesquisa bibliográfica. Esta metodologia garante a capacidade de explorar de forma abrangente o assunto, destacando o seu significado histórico e científico, bem como as suas limitações, conforme indicado por Costa (2015).

Na perspectiva de Chizzotti (2010), o raciocínio por trás da seleção de um referencial metodológico específico baseia-se na crença de que existe uma conexão dinâmica entre a compreensão científica e o objeto da pesquisa. Isso ocorre porque é impossível negar a interdependência entre o sujeito da investigação e o objeto que está sendo investigado. Essa interdependência cria um vínculo inseparável entre o mundo, seus acontecimentos e o indivíduo como participante ativo nessas ocorrências.

#### **3.2 Amostra, local e período de pesquisa**

Para a realização desse artigo foram consultadas publicações nas bases de dados do Google Acadêmico, em um recorte temporal de 2019 a 2023, usando os termos: “psicologia” and “identidade de gênero” and “adolescência”.

O estudo teve início em março de 2023 e terminou em dezembro de 2023. Para a realização deste estudo foram considerados periódicos dos últimos cinco 5 anos (2019 a 2023), mas ampliados e utilizados artigos específicos de 2000 e 2023, que contribuíram significativamente para pesquisas relevantes.

### **3.3 Critérios de inclusão e exclusão:**

Como critérios de inclusão foram selecionados materiais relacionados ao assunto e tema principal da pesquisa, aos objetivos específicos, assim como às palavras-chave: adolescência, identidade de gênero, psicologia, transtorno de disforia de gênero. A análise dos artigos foi feita de forma criteriosa enfocando naqueles que mais se adequaram à finalidade da pesquisa, sendo agrupados e apresentados a partir de sua aproximação temática.

### **3.4 Procedimento de Análise de dados:**

O estudo é de natureza qualitativa e utiliza uma metodologia que envolve três etapas distintas: redução dos dados, apresentação e conclusão/verificação, conforme delineado no trabalho de GIL (2008).

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É importante considerar a análise histórica da adolescência e sua interpretação variável de acordo com o contexto sociocultural em que os adolescentes estão inseridos. Alguns contextos não reconhecem a adolescência como um estágio distinto, enquanto em outros, ela é percebida como um período repleto de desafios e conflitos (Trifoni, 2013).

No contexto ocidental, a adolescência é notavelmente caracterizada por intensas transformações físicas e psicossociais, durante as quais os adolescentes buscam novas experiências e sensações. Entre essas experiências, o interesse sexual se destaca, emergindo como resultado da puberdade, um evento que possui raízes fisiológicas, mas é profundamente influenciado por fatores sociais (Trifoni, 2013).

Com o despertar do interesse sexual, surgem também questionamentos relacionados ao gênero e à sexualidade. Se essas questões não forem abordadas de forma adequada com os

adolescentes, podem gerar dúvidas e expô-los a comportamentos de risco. É comum que surjam incertezas sobre a diferença entre gêneros e a compreensão da sexualidade nessa faixa etária.

A sociedade contemporânea está envolvida em paradigmas heteronormativos que promovem a heterossexualidade como o padrão a ser seguido. Os adolescentes muitas vezes reproduzem esse modelo, considerando-o como normal e natural, enquanto tudo o que se desvia dessa norma é frequentemente percebido como anormal ou patológico (Butler, 2018). Essa visão rígida pode criar desafios significativos para a compreensão e aceitação da diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais na adolescência.

É fundamental explorar a teoria de construção da identidade, conforme apresentada por diferentes estudiosos. Erikson (1972) destaca que construir uma identidade envolve a definição da própria pessoa, seus valores e as direções que deseja seguir na vida. Ele conceitua a identidade como uma estrutura organizada do ego, composta por valores, crenças e metas às quais o indivíduo está firmemente comprometido.

Além disso, a identidade, como uma estrutura psicossocial, funciona como um sistema de autorregulação, orientando a atenção, filtrando e processando informações, gerenciando impressões e selecionando comportamentos adequados (Adams, 1998). É importante ressaltar que a construção da identidade sempre ocorre em um contexto relacional (Lavoie, 1994).

O trabalho de Marcia (1966), citado na fundamentação teórica, sistematiza a teoria psicossocial de Erikson, introduzindo duas dimensões cruciais para a formação da identidade: exploração e comprometimento. As questões que preocupam os jovens e que serão exploradas e com as quais se comprometerão ou não podem direcioná-los por diferentes caminhos (Vleioras; Bosma, 2005). Marcia (1966) descreveu esses diferentes caminhos ou maneiras de desenvolver a identidade como "estados de identidade".

Os indivíduos são classificados em um estado de identidade específico com base na presença de exploração de alternativas e na intensidade de comprometimento com uma delas. Cada estado representa um nível distinto de exploração e compromisso e é uma modalidade específica de progressão no processo de construção da identidade (Schwartz, 2004).

Além disso, os modelos de estágios de desenvolvimento propõem sequências evolutivas que guiam os indivíduos em direção a estruturas qualitativamente superiores e mais maduras (Zacarés; Serra, 1998). Esta abordagem oferece uma visão abrangente do processo de

desenvolvimento da identidade ao longo da vida, destacando a importância das dimensões de exploração e comprometimento.

No decorrer da investigação, observa-se que alguns autores se afastaram das visões naturalizadas da adolescência e tentaram contextualizar e discutir o estigma, a construção da identidade, os papéis de gênero, as questões sociais e políticas que rodeiam a adolescência e a juventude atual.

É importante explorar o conceito de identidade de gênero e como ele se relaciona com a forma como uma pessoa se reconhece e deseja ser reconhecida pelos outros. A identidade de gênero abrange diversos aspectos, incluindo comportamento, comunicação, vestimenta, preferências, autopercepção e apresentação ao mundo. É uma característica que varia em grau e intensidade em cada indivíduo (Duarte, 2021).

Desde o nascimento, a identidade de gênero começa a se formar naturalmente por meio de experiências e interações com exemplos de papéis de gênero, como pais, mães, tios, tias, professores e amigos. Essas influências sociais desempenham um papel fundamental na construção da identidade de gênero de cada pessoa. A adolescência é um período crucial em que os jovens têm a oportunidade de explorar quem são e quem desejam ser. Durante essa fase, surgem curiosidades e o desejo de desenvolver valores, ideias e relacionamentos que podem diferir dos ensinados na família de origem. Conseqüentemente, os adolescentes começam a experimentar e moldar sua própria identidade de gênero, um processo que os prepara para assumir um papel na sociedade como adultos, que pode ser masculino ou feminino (Duarte, 2021).

É importante destacar que a identidade de gênero não está intrinsecamente ligada ao sexo biológico (se uma pessoa nasce como homem ou mulher). Há casos de indivíduos transexuais ou transgêneros que se identificam com um gênero diferente daquele com o qual nasceram. A identidade de gênero está relacionada à forma como uma pessoa se percebe e se identifica, independentemente do sexo de nascimento. É fundamental ressaltar que a identidade de gênero não se confunde com orientação sexual. A orientação sexual refere-se ao desejo sexual em relação ao sexo oposto (heterossexualidade), ao próprio sexo (homossexualidade) ou a ambos os sexos (bissexualidade), enquanto a identidade de gênero diz respeito à forma como alguém se identifica dentro do espectro de gênero. Portanto, é essencial reconhecer a

complexidade e a individualidade da identidade de gênero e sua distinção em relação à orientação sexual (Duarte,2021)

Jesus (2012) sugere que devemos basear nossa compreensão em um conceito que transcende a cultura, conhecido como "identidade de gênero". Essa identidade se refere à percepção individual da própria sexualidade.

Pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam. Cada um (a) tem o seu tempo. É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr em prática, porém é necessária, para que elas possam ser quem são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua. (Jesus, 2012, p.10)

É evidente que as identidades, perspectivas e concepções de gênero na sociedade brasileira frequentemente se fundamentam em estereótipos, resultando em limitações na percepção tanto de homens como de mulheres em relação a si mesmos e suas capacidades. É importante destacar que, atualmente, não faz sentido afirmar que as mulheres não estão preparadas ou não podem desempenhar determinadas atividades, como apontado por Nogueira (2001).

É significativo destacar que o gênero não se limita exclusivamente à anatomia dos órgãos genitais, contrariando concepções equivocadas. O fator mais proeminente é a autoimagem da pessoa, que se define com base na sua própria percepção (Pimenta, 2020)

Ainda segundo, Pimenta (2020), além de abranger a forma como a pessoa se vê no mundo, a identidade de gênero também inclui a expressão, como as escolhas de vestimenta e aparência. Isso, por sua vez, influencia o comportamento, a linguagem corporal, a maneira de falar e até mesmo o pensamento, tudo em conformidade com a identidade com a qual a pessoa se identifica.

Conflitos surgem quando a pessoa age ou pensa de maneira que não corresponde às normas socialmente atribuídas ao seu gênero. Cada cultura, seja em nível nacional ou regional, possui seus próprios conceitos sobre o que é considerado correto ou incorreto para cada gênero. No entanto, nem sempre essas normas refletem a individualidade da pessoa, o que pode gerar desafios na busca de autenticidade e aceitação (Pimenta, 2020).

Durante o processo de pesquisa, descobriu-se que, nos últimos anos, ocorreram muitas mudanças em relação aos direitos dos grupos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersex, assexuais, pansexuais, não-binários (LGBTQUIAPN+), está aumentando dia a dia. Toda a conquista é de coragem, luta e resistência. Como argumentam Sampaio e Germano (2017), esse caminho tem sido caracterizado por dificuldades e preconceitos que excluem essa população de direitos básicos como saúde e educação, o que afeta sua qualidade de vida. Como pode ser observado no referencial teórico, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou os termos “transexualidade” e “travestismo” da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) (Nações Unidas Brasil, 2019)

Ao considerar a comunidade LGBTQIA+ e os conceitos previamente abordados como fenômenos emergentes e relativamente recentes, é importante destacar o papel da mídia como um padrão cultural moderno que exerce controle. Similarmente às outras categorizações mencionadas, as diversas formas de sexualidade representam as mais recentes facetas de exclusão observada na sociedade ocidental padrão (Bortoletto, 2019).

De acordo com Bortoletto (2019), é notável que o autor ressalta o conceito de "diferença" e sua conexão direta com o termo "outro", enfatizado ao longo deste artigo, como uma forma de distinguir pessoas com diferentes orientações sexuais. O ponto principal extraído de Kellner é a observação de que o mercado frequentemente utiliza o pretexto de inclusão desses indivíduos marginalizados como uma estratégia para vender produtos. Embora esses produtos se apresentem superficialmente como apoiadores das causas LGBTQIA+, muitas vezes mantêm a exclusão intacta.

A disforia de gênero refere-se ao estresse que pode acompanhar a incongruência de gênero vivenciada ou expressa com o gênero atribuído. O diagnóstico da disforia de gênero requer avaliação contínua porque pode ser confundido com comportamentos típicos que exploram a identidade de gênero do adolescente (*American Psychiatric Association*, 2014).

É relevante mencionar que, de acordo com a CID 11 e com a literatura científica mais recente na área, as características essenciais para o diagnóstico de incongruência de gênero devem incluir um forte desagrado ou desconforto em relação às características sexuais primárias e/ou secundárias do indivíduo, juntamente com um desejo intenso de ser tratado, viver, ser aceito e adquirir as características sexuais primárias e/ou secundárias do gênero percebido,

devido à incongruência com o sexo atribuído. É importante ressaltar que o simples comportamento e preferências relacionados à variação de gênero não são suficientes para estabelecer um diagnóstico.

O sofrimento e prejuízo funcional, particularmente em ambientes sociais hostis, são experiências frequentemente associadas à incongruência de gênero, mas não são requisitos necessários para o diagnóstico. Da mesma forma, a natureza da atração sexual, incluindo a excitação sexual em relação ao *cross-dressing*, não é relevante para o diagnóstico proposto na CID-11.

É importante notar que a busca pela congruência de gênero pode envolver tratamentos médicos, mas muitos indivíduos optam por não se submeter a todas as intervenções médicas disponíveis como parte de seu processo de transição. Isso destaca a importância de considerar a identidade de gênero como um fenômeno complexo que não se limita apenas à anatomia ou à atração sexual, mas abrange a experiência pessoal e a autodefinição das pessoas em relação ao seu gênero.

É relevante abordar o papel do profissional psicólogo no contexto dos processos de identidade de gênero, considerando as diretrizes éticas estabelecidas pelo Conselho Federal de Psicologia (2005). Essas diretrizes estabelecem as responsabilidades do psicólogo como terapeuta e seu papel na defesa das minorias.

De acordo com as propostas do Conselho Federal de Psicologia (2005), a atuação do psicólogo deve ser estritamente alinhada com a ética, proibindo qualquer forma de discriminação, opressão, exploração, violência ou participação em ações que violem os Direitos Humanos. Portanto, diante da estigmatização que a população trans enfrenta, é responsabilidade do profissional psicólogo contribuir para a criação de um ambiente sem discriminação com base na orientação sexual do indivíduo na sociedade.

Além disso, o psicólogo deve auxiliar o sujeito não apenas por meio do apoio psicológico em terapia, mas também na luta contra qualquer forma de discriminação social que o sujeito possa enfrentar. Isso implica garantir que as práticas sociais desse sujeito sejam aceitas na sociedade em que ele está inserido.

É importante ressaltar que, de acordo com as diretrizes éticas do CFP (2005), é vedado ao psicólogo impor suas próprias crenças filosóficas, morais, políticas ou de orientação sexual

em sua prática profissional. Isso é particularmente relevante no contexto da identidade de gênero, pois na clínica, ao atender a população trans, é fundamental evitar a imposição de padrões heteronormativos com base nas concepções do psicólogo. O atendimento em clínica deve considerar o sujeito de acordo com sua própria representação, o que contribui para reduzir a percepção desse sujeito como estigmatizado, e colabora para a construção de um espaço social mais inclusivo e menos discriminatório.

É notório que nos últimos 10 anos houve um considerável aumento na discussão sobre sexualidade, o que é benéfico, pois proporciona aos jovens que estão em processo de descobrimento da sua sexualidade um acesso mais amplo a informações e recursos essenciais sobre o tema. Isso contribui para tornar o processo de compreensão e aceitação da própria identidade de gênero menos doloroso do que no passado, embora a persistência da discriminação possa obscurecer esses avanços, fazendo com que pareça que "nada mudou". No entanto, é importante reconhecer e celebrar até mesmo as menores conquistas nesse caminho. Mesmo com os avanços, pessoas de todas as idades ainda enfrentam conflitos internos relacionados à sua sexualidade. Em um mundo que está gradualmente evoluindo em direção a uma maior compreensão e aceitação, esses conflitos muitas vezes se intensificam devido às pressões externas. (Pimenta, 2020).

De acordo com Pimenta (2020), a psicoterapia, ao buscar naturalmente o autoconhecimento e soluções para questões de saúde mental, desempenha um papel fundamental na redução dos conflitos decorrentes de dúvidas, questionamentos e pressões sociais. Um dos aspectos amplamente abordados na terapia é a questão da identidade, pois muitos pacientes têm dúvidas sobre sua verdadeira essência, o caminho a seguir e por que não se sentem confortáveis em sua própria pele.

A descoberta da sexualidade, o reconhecimento e a aceitação dela, bem como o desafio de compartilhar esses sentimentos com pais e amigos, nem sempre são tarefas fáceis. Quando alguém não encontra apoio em seu círculo social, o impacto emocional pode ser significativo e os conflitos podem persistir ao longo da vida, causando sofrimento contínuo. A psicoterapia desempenha um papel crucial em todas essas etapas, atuando como um guia para a autodescoberta e aceitação, bem como um apoio para reconstruir a autoestima e a felicidade. Por meio de questionamentos e reflexões constantes, os pacientes têm a oportunidade de

explorar e compreender seus sentimentos, traumas e dores, o que lhes permite reinterpretar suas memórias e emoções negativas, promovendo o bem-estar emocional, segundo Pimenta (2020).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade de gênero na adolescência é um período complexo de autodescoberta à medida que os adolescentes exploram e definem a sua própria identidade de gênero. É aí que se torna crucial entender quem eles são e como querem se expressar. Os psicólogos desempenham um papel importante neste processo, proporcionando aos adolescentes apoio emocional, orientação e um espaço seguro para explorar verdadeiramente a sua identidade de gênero.

A disforia de gênero é uma realidade para muitos adolescentes que não se identificam com o gênero atribuído no nascimento. Os psicólogos desempenham um papel vital na avaliação e apoio a estes adolescentes e ajudando-os a compreender e processar as emoções complexas que podem surgir.

Além disso, é fundamental reconhecer e apoiar as pessoas LGBTQIA+ na adolescência, que enfrentam desafios únicos com aceitação, preconceito e discriminação. Os psicólogos desempenham um papel ativo na promoção da aceitação, na eliminação do estigma e no estabelecimento de um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os adolescentes, independentemente da sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Portanto, a adolescência é um período crítico na construção da identidade de gênero e o apoio de um psicólogo é crucial para ajudar os adolescentes neste processo de autodescoberta. É importante promover a aceitação, o respeito e a igualdade para todos os jovens, independentemente da sua identidade de gênero, na busca de um mundo mais inclusivo e compassivo.

A inquisição sobre o estabelecimento da identidade de gênero entre os adolescentes é de extrema importância para a compreensão do amadurecimento psicológico durante esta fase e para a defesa de uma estratégia mais abrangente no campo da psicologia. Estas investigações auxiliam no desenvolvimento de políticas e intervenções mais sintonizadas com as

preocupações relacionadas com o gênero, garantindo que os jovens recebam apoio adequado no cultivo de uma identidade saudável.

Para ampliar a compreensão sobre a formação da identidade de gênero em adolescentes, existem outros estudos que podem ser realizados. Esses estudos podem aprofundar complexidades culturais, ambientes familiares e encontros individuais. Além disso, a investigação longitudinal pode proporcionar uma visão dos padrões de crescimento e transformação ao longo do tempo, garantindo uma compreensão mais aprofundada das complexidades envolvidas. Estas investigações complementares são cruciais para moldar práticas clínicas, políticas educacionais e promover uma sociedade mais receptiva e diversificada.

**ABSTRACT:** Introduction: The process of constructing gender identity is crucial for the individual's development. However, the term “identity” is often misunderstood, leading to misconceptions about gender and its meaning. Objective: therefore, the general objective of this article was to investigate how psychologists can contribute to the construction of gender identity, seeking to understand the entire process that takes place during adolescence. Methodology: the method used for this study was the qualitative approach typical of bibliographic research, which was consulted Google Scholar databases with a specific time frame of five years (2019-2023), however, the inclusion of some articles became relevant scientific forums of this time frame. Result: the literature shows that the role of the psychologist must be highlighted during the discovery process, becoming aware of what gender identity is and how this can impact their decisions, in addition to helping to combat social discrimination by directing the value of psychotherapy, as well as supporting the individual in issues of accessibility, self-discovery and self-esteem. Conclusion: Adolescence is a complex period of self-discovery for adolescents, in which they explore and define their own gender identity and consequently gender dysphoria is a reality for many adolescents who do not identify with their birth gender. In this way, the psychologist plays a crucial role in providing emotional support, guidance and a safe space for adolescents to explore their gender identity.

**Keywords:** Adolescence. Gender identity. Psychology.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, G. R. (1998). **A medida objetiva do status de identidade do ego:** um manual de referência. Universidade de Guelph, Ontário, Canadá.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5ª ed.)** Porto Alegre, RS: Artmed. Tradução de: Maria Inês Corrêa Nascimento.

ARCHER, S. L. (1993). Identidade em contextos relacionais: uma proposta metodológica. Em J. Kroger (ED), **Discussões sobre a identidade do ego** (p. 75-99).

ALMEIDA, S. P. D.; MARINHO, J. da R.; ZAPPE, J. G.. Atuação do Psicólogo com Adolescentes que Cumprem Medida Socioeducativa: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 51-72, abr. 2021. Disponível em [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812021000100004&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812021000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 26 jun. 2023.

ALVES, L. H. B. Algumas considerações sobre a adolescência. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: [editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67929](http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67929). Acesso em 13 de agosto de 2023

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - **APA**. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. esc. educ.** Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 de out. de 2023.

BORTOLETTO, G. E. **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: [paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme\\_engelman\\_bortoletto.pdf](http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme_engelman_bortoletto.pdf). Acesso em 20 de out. de 2023.

BUTLER, J. (2018). Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética do Profissional Psicólogo/Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA Resolução CFP n. 1, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília, DF: **Conselho Federal de Psicologia**. Disponível em: [site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf). Acesso em 20 de out. de 2023.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Nota de Orientação CRP SP n. 01/2016** – sobre o atendimento psicológico a pessoas em conflito com sua orientação sexual e identidade de gênero. Disponível em <https://transparencia.cfp.org.br/crp06/legislacao/nota-de-orientacao-crp-sp-no-01-2016-sobre-o-atendimento-psicologico-a-pessoas-em-conflito-com-sua-orientacao-sexual-e-identidade-de-genero/> . Acesso em: 13 set. 2023

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas sociais. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: [a.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas\\_em\\_Ciencias\\_Humanas\\_Sociais.pdf](http://a.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf). Acesso em: 02 nov.2023.

COSTA, F.; ANTONIAZZI, A. **A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais.** (RIBERÃO PRETO, SP, 1999). Disponível em: [www.scielo.br/j/paideia/a/dVQhVk7wGyJ7SbZCmyqnkVD/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/paideia/a/dVQhVk7wGyJ7SbZCmyqnkVD/?lang=pt). Acesso em: 25 de jun. de 2023.

COSTA, L. Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização pessoal. Brasília: WWF-Brasil, 2015. Disponível em: [portal.mec.gov.br/dm-documents/publicacao3.pdf](http://portal.mec.gov.br/dm-documents/publicacao3.pdf). Acesso em: 02, nov. 2023.

DE OLIVEIRA PIMENTEL S., CB Como a terapia pode ajudar na compreensão da compreensão do gênero? Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/terapia-identidade-de-genero/>. Acesso em: 21 out. 2023.

DUARTE, Lisiane. Identidade de gênero de adolescentes: como acontece? **Psicoter.** 2021. Disponível em: <https://psicoter.com.br/identidade-de-genero-de-adolescentes/#:~:text=Como%20acontece%20o%20processo%20de,aprendidos%20na%20fam%C3%ADlia%20de%20origem..> Acesso em: 2 nov. 2023

ELKIND, D. (1998). Adolescentes em crise: crescidos e sem ter para onde ir. Leitura, MA: **Perseus Books**.

ERIKSON, E. H. (1950). **O ciclo da vida completou.** New York: Norton.

ERIKSON, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise* Rio de Janeiro, RJ: Zahar

FLEURY, H.J. , ABDO, C.H. (2018). Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. **Diagn Tratamento**, 23(4), 147-151.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLIGAN, C. (1982/1993). **Numa voz diferente:** Teoria Psicológica e desenvolvimento da mulher. Cambridge, MA: Harvard University Press.

HEMBREE, W. C; COHEN-KETTENIS, P. T; GOOREN, L. Endocrine Treatment of Gender-Dysphoric/Gender-Incongruent Persons: An Endocrine Society\* Clinical Practice Guideline. **The Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, v. 102, n. 11, p. 3869–3903, 2017. Disponível em: [academic.oup.com/jcem/article/102/11/3869/4157558?login=false](http://academic.oup.com/jcem/article/102/11/3869/4157558?login=false). Acesso em: 3 de out. de 2023.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KROGER, J. (2003). Desenvolvimento da identidade durante a adolescência. In G. R. Adams & M. D. Berzonsky (Eds.), **Manual de adolescência de Blackwell** (p. 205-226). Malden, MA: Blackwell.

LACERDA, C. A. de O. P. de; LACERDA, M. P. de. **Adolescência: problema, mito ou desafio**. Petrópolis, Rio de Janeiro, ed. Vozes, 1998. 170 p.

LATTANZIO, F. F.; RIBEIRO, P. de C.. Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito gênero. **Psicol. Clín.** (RIO DE JANEIRO, 2018). Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300002). Acesso em 25 de jun. de 2023.

LAVOIE, J. C. (1994). Identidade na adolescência: questões de teoria, estrutura e transição. *Jornal da Adolescência*, 17, 17-28.

LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa? **Trt4.jus.br**. Disponível em: [www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934](http://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934). Acesso em: 31 out. 2023.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2003. **CID 10**. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. . Brasília: DATASUS, 2021.

MARCIA, J. E. (1993). As raízes relacionais da identidade. In: **Kroger (Ed.)**, Discussões sobre a identidade do ego (w. 101-120).

MARCIA, J. E. (1966). Desenvolvimento e validação do status de identidade do ego. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 3, 551-558

MOSHER, W. D., CHANDRA, A., JONES, J. (2005). **Comportamento Sexual e medidas de saúde selecionadas: homens e mulheres de 15 a 44 anos de idade**, Estados Unidos, 2002.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais.** 2019. Disponível em: [brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as-mentais](http://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as-mentais). Acesso em: 3 de out. de 2023.

NOGUEIRA, C. **Questões de gênero na orientação vocacional – (re)construir novos discursos na prática.** In: SEMINÁRIO "ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES. 2001. Reconstruir os nossos olhares: o papel da orientação escolar e profissional na promoção da igualdade de oportunidades. Coimbra: ME- DREC, 2001. p.19-36. Disponível em: [repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4128/1/capitulo%20quest%C3%B5es%20de%20genero%20na%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20vocacional.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4128/1/capitulo%20quest%C3%B5es%20de%20genero%20na%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20vocacional.pdf). Acesso em: 02 de nov. de 2023.

OLIVEIRA, M. S. QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA E A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE. **Monografias Brasil Escola.** Disponível em: [monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/questao-genero-na-escola-influencia-sociedade.htm#:~:text=INFLU%C3%8ANCIA%20DA%20SOCIEDADE%20NOS%20G%C3%8ANEROS,-Analisando%20o%20desenvolvimento&text=Ou%20seja%2C%20as%20caracter%C3%ADsticas%20sexuais,que%20v%C3%A3o%20moldar%20arranjos%20sociais](http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/questao-genero-na-escola-influencia-sociedade.htm#:~:text=INFLU%C3%8ANCIA%20DA%20SOCIEDADE%20NOS%20G%C3%8ANEROS,-Analisando%20o%20desenvolvimento&text=Ou%20seja%2C%20as%20caracter%C3%ADsticas%20sexuais,que%20v%C3%A3o%20moldar%20arranjos%20sociais). Acesso em: 20 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-11 Reference Guide.** Genebra: OMS, 2019. Disponível em inglês em: [icd.who.int/icd11refguide/en/index.html](http://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1975). *El embarazo y el aborto em la adolescencia.* Genebra.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano.** 7.ed Porto Alegre: Artmed, 2000. 684 p.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. D. (2013). **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre, Artmed, 12ª ed.

PATTERSON, C. J. (1992). **Filhos de pais lésbicas e gays.** Desenvolvimento Infantil, 63, 1025-1042.

PIMENTA, T. Identidade de gênero: tudo que você precisa saber. **Virtude Blog.** 2020. Disponível em: [www.virtude.com/blog/identidade-de-genero](http://www.virtude.com/blog/identidade-de-genero). Acesso em: 23 de mar. de 2023.

ROBINS, R. W.; TRZESNIEWSKI, K. H. (2005). Desenvolvimento da autoestima ao longo da vida. **Direções Atuais na Ciência Psicológica,** 14(3), 158-162.

ROSSI, L. M. et al. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. e00125018, 2019. Disponível em: [www.scielo.br/j/csp/a/BNyxgYRcypmMMDTkLdF5PDN#](http://www.scielo.br/j/csp/a/BNyxgYRcypmMMDTkLdF5PDN#). Acesso em: 14 de ago. de 2023.

SAMPAIO, J. V.; GERMANO, I. M. P. “Tudo é sempre de muito!”: produção de saúde entre travestis e transexuais. **Rev. Estud. Fem.**, v. 25, n. 2, p. 453-472, 2017. <  
[dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453](http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453).

SCHWARTZ, S. J. (2004). Breve relatório: validade de construção de duas medidas de status de identidade: o EIPQ e o EOMEIS-II. **Jornal da Adolescência**, 27(4), 477-483.

SAVIN-WILLIAMS, R.C. (2006). Quem é gay? Será que isso é matéria? Direções atuais em psicologia ciências, 15, p. 40-44.

THORNE, A., MICHAELIEU, Q. (1996). Situando o gênero e a autoestima do adolescente com as memórias pessoais. **Desenvolvimento infantil**, 67, 1374-1390.

TRIFONI, D. N. (2013). **Análise da Determinação Social da Saúde: olhares e vozes de adolescentes do Itapoã** – DF, 147f. [Dissertação, Mestrado em Ciências da Saúde, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília]. [http://ecos.unb.br/wp-content/uploads/2015/11/2013\\_DayanaNataliaTrifoni.pdf](http://ecos.unb.br/wp-content/uploads/2015/11/2013_DayanaNataliaTrifoni.pdf).

VLEIORAS, G.; BOSMA, H. A. (2005). Os estilos de identidade são importantes para o bem-estar psicológico? **Jornal da Adolescência**, 28(3), 397-409.

YOUNGBLADE, L. M., THEOKAS, C., CURRY, L., HUANG, I-C., NOVAK, M. (2007). Fatores de risco e promotores em famílias, escolas e comunidades: um modelo contextual de desenvolvimento positivo dos jovens na adolescência. **Pediatrics**, 119, 47-53.

ZACARÉS, J. J., SERRA, E. (1998). **Maturidade pessoal: perspectivas da psicologia**. Madrid, Espanha: Pirâmides.